

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

FORMS OF RESISTANCE AND TRANSLATION OF TRANSEXUAL PEOPLE IN BRAZIL

Thiago Aranha¹
André Misaka²
Mariko Hanashiro³

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as formas de resistência e aquilombamento da população transexual no Brasil a partir das categorias de análise “sofrimento ético político” e “saúde ético-política”. A pesquisa busca compreender as estratégias adotadas pela população transexual para enfrentar os desafios, o preconceito e a discriminação vivenciados diariamente. A metodologia utilizada nesta pesquisa envolveu uma revisão bibliográfica abrangente, com análise de estudos e pesquisas existentes sobre o tema. As formas de resistência têm sido essenciais para ampliar a visibilidade da população transexual, combater o preconceito e reivindicar direitos. Em suma, este estudo evidencia a importância das formas de resistência e do aquilombamento na promoção dos direitos *e a promoção do acesso a tais para a população transexual no Brasil*.

Palavras-chave: Políticas públicas; Preconceito; Resistência; Transexual.

Abstract

This article aims to analyze the forms of resistance and oppression of the transsexual population in Brazil from the analysis categories “political ethical suffering” and “ethical-political health”. The research seeks to understand the strategies adopted by the transsexual population to face the challenges, prejudice and discrimination experienced daily. The methodology used in this

¹Assistente Social e trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em São Paulo/SP. Mestre em Serviço Social e Doutorando em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Professor na Pós-Graduação em Trabalho Social com Famílias na Faculdade Paulista de Serviço Social - FAPSS. Professor do curso de Serviço Social na Universidade Federal Educacional - UniFecaF. Pesquisador dos Núcleos de Estudos e Pesquisas em Aprofundamentos Marxistas (NEAM), e do Estudo e Pesquisa sobre Identidade (NEPI). E-mail: thiagoaranhas@gmail.com

²Assistente Social e trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em São Paulo/SP. Mestre em Serviço Social e Doutorando em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Pesquisador dos Núcleos de Estudos e Pesquisa Sobre Identidade (NEPI) e de Estudos e Pesquisas em Aprofundamentos Marxistas (NEAM). E-mail: andremisaka@hotmail.com

³Assistente Social e trabalhadora do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em São Bernardo do Campo/SP. Especialista em Economia Urbana e Gestão Pública pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e Mestranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre Identidade (NEPI) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Social (GEPPS) da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: mariko.hanashiro@gmail.com

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

research involved a comprehensive bibliographic review, with analysis of existing studies and research on the subject. In short, this study highlights the importance of forms of resistance and squatting in the promotion of rights and the promotion of access to such rights for the transsexual population in Brazil.

Keywords: public policies; prejudice; resistance; transsexual

1. INTRODUÇÃO

Letícia Nascimento (2021) inicia o livro “*Transfeminismo*” da Coleção “*Feminismos plurais*” resgatando a pergunta de Sojourner Truth “*E eu não sou uma mulher?*” buscando assim provocar a concepção homogênea universal de mulher e apontar as experiências diferentes de vivência das mulheres negras em relação às mulheres brancas. Assim, Letícia questiona se as mulheres transexuais e travestis são mulheres ou não por não enquadrarem suas experiências no sistema colonial de gênero. Ao transformar a pergunta em: “*E não posso ser eu uma mulher?*” Há, então, uma provocação em relação a discursos que consideram “*mulher*” como uma condição universal e que buscam determinar quem pode ou não pode ser uma mulher. Feministas, dentre elas as RadFems (Feministas Radicais) pautadas em um discurso cissexista tentam invalidar e invisibilizar mulheres transexuais e travestis no feminismo. Porém, evidencia que ela, Letícia, assim como Jaqueline Gomes de Jesus, Hailey Kaas, Viviane Vergueiro, Céu Cavalcanti, Bruna Benevides, Megg Rayara tem disputado a partir da corporeidade e nos espaços teóricos a pluralidade de vivências no caleidoscópio feminista, teorizando e levantando demandas políticas trans e travestis a partir do transfeminismo. Ainda, demarca que “apesar de diferentes, conectamo-nos com estruturas de opressões semelhantes, tais como patriarcado, o machismo e o sexismo que no decorrer da história, vêm subjungando socialmente as experiências feministas.” (Nascimento, 2021, p.15). Dessa forma, assim como Letícia pontua, iniciamos esse artigo na defesa que o transfeminismo é uma corrente teórica e política vinculada ao feminismo e que as vivências das mulheres trans, das pessoas transfemininas e travestis são algumas das inúmeras formas de performar e vivenciar as mulheridades e feminilidades. Jaqueline Gomes de Jesus (2013, p.5, *apud* Nascimento, 2021, p. 45) pontuou que o transfeminismo tem como princípios:

(1) redefinição da equiparação entre gênero e biologia; (2) reiteração do caráter interacional das opressões; (3) reconhecimento da história de lutas das travestis e das mulheres transexuais e das experiências pessoais da população transgênera de forma geral como elementos fundamentais para o entendimento do feminismo; e (4)

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

validação das contribuições de quaisquer pessoas, sejam elas transgêneras ou cisgêneras, o que leva ao fato de que, por sua constituição, o transfeminismo pode ser útil para qualquer pessoa que não se enquadra no modelo sexista de sociedade que vivemos, não apenas as transgêneras. (Jesus, 2013, p.5, *apud* Nascimento, 2021, p. 45).

O tema deste artigo centra-se nas formas de resistência e aquilombamento da população transexual no Brasil. A transexualidade refere-se à identidade de gênero de pessoas que não se identificam com o sexo atribuído no nascimento. No Brasil, as pessoas transexuais enfrentam uma série de desafios e dificuldades em suas vidas diárias, incluindo o preconceito, a discriminação e a violência, tanto física quanto psicológica. Diante desses obstáculos, a resistência e o aquilombamento emergem como estratégias essenciais para enfrentar as adversidades e lutar pelos direitos e pela inclusão dessa população.

Na década de 1970, surgiram as primeiras organizações voltadas especificamente para a população transexual no Brasil. No entanto, apenas na década de 1990 que algumas conquistas foram alcançadas, como o direito à alteração do nome nos documentos e a possibilidade de cirurgia de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Nos últimos anos, observou-se um aumento da visibilidade e do debate em torno das questões relacionadas à população transexual no Brasil. Houve avanços na legislação, como o reconhecimento do nome social e a proibição da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. No entanto, apesar desses avanços, a violência, a exclusão social e a falta de acesso a direitos básicos ainda persistem, tornando a resistência e o aquilombamento fundamentais para promover mudanças efetivas.

A população transexual no Brasil enfrenta uma série de desafios e adversidades. Em termos de saúde, muitas pessoas transexuais enfrentam dificuldades para acessar serviços médicos adequados, incluindo a hormonioterapia e a cirurgia de redesignação sexual. Além disso, a falta de apoio e a discriminação de profissionais de saúde são obstáculos frequentemente encontrados.

No âmbito social, as pessoas transexuais sofrem com o preconceito, a exclusão e a violência. Isso inclui agressões físicas e verbais, assédio, violência doméstica e dificuldades no ambiente de trabalho e na educação. Muitas vezes, essas experiências negativas afetam a saúde mental e emocional das pessoas transexuais. Vale ainda pontuar que essas vivências podem ser agravadas somadas ao racismo.

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

A resistência e o aquilombamento são estratégias cruciais para a população transexual enfrentar os desafios mencionados anteriormente. A resistência envolve a luta contra a opressão, o preconceito e a discriminação, por meio de ações coletivas e individuais. Essa resistência pode ocorrer por meio de movimentos ativistas, mobilizações sociais, produção artística, visibilidade midiática, entre outras formas de expressão.

O aquilombamento, por sua vez, refere-se à criação de redes de apoio e solidariedade entre as pessoas transexuais e seus aliados. Essas redes oferecem suporte emocional, acolhimento, informações, compartilhamento de experiências e fortalecimento mútuo. O aquilombamento é uma estratégia poderosa para a construção de espaços seguros e de apoio, promovendo a resiliência e a capacidade de enfrentamento da população transexual.

Desta forma, apresenta-se aqui, como objetivo, analisar as formas de resistência e aquilombamento da população transexual no Brasil a partir das categorias de análise “sofrimento ético político” e “saúde ético-política”. Ainda neste sentido busca-se compreender as estratégias adotadas pela população transexual para enfrentar os desafios, o preconceito e a discriminação vivenciados diariamente. A metodologia utilizada nesta pesquisa envolveu uma revisão bibliográfica abrangente, com análise de estudos e pesquisas existentes sobre o tema.

2. ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS LGBT NO BRASIL

No Brasil, as organizações e movimentos LGBT desempenham um papel fundamental na defesa dos direitos, na visibilidade e na promoção da igualdade para as pessoas LGBT. Essas organizações trabalham em diversas áreas, como direitos humanos, saúde, educação, cultura e política. Abaixo, são apresentadas algumas das principais organizações e movimentos LGBT no Brasil:

Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL) fundada em 1992, primeira organização oficialmente registrada na defesa de direitos específicos da população trans, fundada por Jovanna Baby, travesti negra e nordestina junto de Elza Lobão, Josy Silva, Beatriz Senegal, Monique Du Bavieur e Cládia Pierry France (NASCIMENTO, 2021, p.49).

Grupo Gay da Bahia (GGB): Fundado em 1980, o GGB é uma das organizações mais antigas do país e tem como objetivo principal combater a homofobia, promover a cidadania e defender os direitos da população LGBT.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT): A ABGLT é uma das maiores redes de organizações LGBT do Brasil, com representantes em diversos Estados. Ela trabalha na promoção dos direitos LGBT, no combate à discriminação e no fortalecimento do movimento LGBT no país.

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA): A ANTRA é uma organização que trabalha especificamente na defesa dos direitos das pessoas travestis e transexuais no Brasil. Ela atua na promoção da saúde, da cidadania e na luta contra a violência e a discriminação.

Casa 1: A Casa 1 é uma organização localizada em São Paulo que oferece acolhimento e apoio a jovens LGBT em situação de vulnerabilidade. Além disso, promove ações culturais, debates e atividades educativas para a comunidade LGBT+.

Essas são apenas algumas das muitas organizações e movimentos LGBT atuantes no Brasil. Cada uma delas desempenha um papel fundamental na promoção da igualdade, na defesa dos direitos humanos e no fortalecimento da comunidade LGBT. Através de seus esforços, elas contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva, livre de discriminação e preconceito. Essas casas também são uma grande denúncia e uma grande comprovação de quem vive na exclusão consegue produzir outra humanidade. Neon Cunha no Documentário *“Do sonho ao pertencimento”* (2023).

3. AQUILOMBAMENTO E CONSTRUÇÃO DE REDES DE APOIO

Bader Sawaia dialogando com autores como Vigotski e Espinosa, cunha as categorias de análise “sofrimento ético-político” (2001) e “saúde ético-política” (Souza, Sawaia 2016) discutindo a inclusão/exclusão (ou inclusão perversa) a partir da afetividade. A dialética inclusão/exclusão possui subjetividades específicas que vão de “sentir incluído” até “se sentir discriminado ou revoltado” e se manifestam no cotidiano a partir de diferentes formas de legitimação social e individual. Pode-se definir sofrimento ético-político como o sofrimento marcado pela desigualdade social configurada através da exploração e da luta de classes, pela mercadoria, exclusão/inclusão, mais valia e ou ideologia. Para Sawaia, somos afetados a partir dos encontros, podendo eles aumentarem ou diminuir nossa potência de ação. Os afetos são bons ou ruins e desencadeiam sentimentos como alegria e esperança ou medo, ódio, tristeza e melancolia. Quando os encontros aumentam a potência de ação há o aumento da liberdade, afirmando a vida pelos afetos. Quando os encontros provocam afetos ruins e diminuem a potência de ação há o aumento da servidão. A saúde ético-política está na transgressão ativa a partir de encontros que proporcionam a alegria e potencializa a liberdade de maneira coletiva ou seja “subsidiar-se práticas políticas que trazem à tona o centro vivo das potências individuais e coletivas dos membros de um corpo político”.

O corpo é memorioso e é tão importante quanto a mente, não havendo hierarquia entre eles. É no corpo, por meio dos afetos, que a potência de agir pode ser aumentada ou diminuída.

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

Sawaia (2001), aponta que a morte não é só biológica, mas por sermos seres sociais, pode ser social e ética, podendo morrer por decreto de uma comunidade. A população negra escravizada morria por uma doença batizada de “*banzo*”, um sofrimento psicossocial que desencadeava na morte biológica. Esse sofrimento gerado pela tristeza de estar só e humilhado por ações legitimadas por políticas de dominação e opressão também pode ser visto no suicídio de indígenas de diferentes povos. Assim também, pode-se falar das pessoas trans que foram suicidadas⁴. Apesar da ausência de dados fidedignos sobre a temática um estudo feito pela UFMG em 2015 com 28 participantes homens trans apontou que 24 já haviam pensado em suicídio e/ou tentaram cometer o ato. (Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH-UFG) Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA-UFG), 2015). Ainda, conforme dados da ANTRA, em 2022 houveram 20 casos de suicídio mapeados, sendo 1 pessoa não binária, 6 entre homens trans/transmasculinos e 13 travestis/mulheres trans (BENEVIDES, 2023).

O aquilombamento e a construção de redes de apoio desempenham um papel crucial como estratégias de resistência para a população transexual. O termo "aquilombamento" faz referência aos quilombos, comunidades formadas por escravizados no Brasil colonial como forma de resistência à opressão. O quilombo é um lugar-espço de resistências, um sistema alternativo, brecha no sistema escravagista. Surge da necessidade do negro defender a sobrevivência e assegurar a existência de ser. Experiência para resgatar a liberdade e dignidade. Local em que a liberdade era praticada e os laços ancestrais revigorados. Já a partir da ótica de Eribon (2008 *apud* Santana, 2021) o aquilombamento é o processo de forjar uma política de amigos, redes e instituições que proporcionam encontros que permitem ver a si neles, ou seja, um encontro de semelhantes, onde há identificação (SANTANA, 2021). Assim, o aquilombamento da população transexual consiste na criação de espaços que promovam a saúde ético-política, ou seja, lugares seguros e acolhedores, onde os indivíduos encontram apoio emocional, social e político e aumentam sua potência de ação.

As redes de apoio são formadas através da conexão entre pessoas transexuais e seus aliados, seja por meio de organizações e coletivos, grupos de suporte, espaços virtuais ou encontros presenciais. Essas redes fornecem um ambiente onde as pessoas transexuais podem compartilhar suas experiências, desafios e conquistas, e encontrar suporte mútuo.

⁴ O termo “suicidado” surge para retirar a responsabilidade do indivíduo e responsabilizar a sociedade, apontando que as pessoas foram assassinadas pelo cis-tema.

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

Pode-se destacar ainda, coletivos e perfis como a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA (@antra.oficial), que hoje é um dos principais espaços de discussão sobre direitos e políticas para Travestis e Transexuais no Brasil, possuindo em seu instagram cerca de 119 mil seguidores; o coletivo Mães pela Diversidade (@maespeladiversidade) com 103 mil seguidores no instagram, sendo um espaço de difusão de informação, vivências e acolhimento para mães e pais de pessoas LGBTQIAP+. Além disso, plataformas importantes de acesso digno ao trabalho por pessoas trans como a Transempregos (@transempregos), inserida em diversas redes sociais, que elabora parcerias com empresas privadas para a criação de vagas exclusivas para pessoas travestigêneres e não-binaries, só em seu instagram possui cerca 61,2 mil seguidores; a BRAVA (@brava.sp), também é um espaço que merece destaque, articula conexões que promovem cursos e formações profissionais com diversas temáticas, além da produção de conteúdos rompendo com a lógica cis, hétero, branca, patriarcal, discutindo sobre diversos temas, dentre eles, autobiografias trans: tempo e memória; não-binariedade e o uso da linguagem neutra; transfeminismo; Tybyragegens: um olhar contracolonial sobre gênero e sexualidade: uma perspectiva filosófica, identidades de gênero, Deficiência, Gênero e Sexualidade dentre outros temas facilitados por Letícia Nascimento, Gustavo S. Fernandes, Caio Jade, Okara yby Potyguara, Angie Barbosa. Os cursos ou aulas são divulgados pelo instagram e ofertado via plataforma Zoom, possibilitando que pessoas de locais diversos se encontrem virtualmente e troquem saberes (ROSA, HANASHIRO, 2022, p.8).

Em termos de suporte emocional, as redes de apoio proporcionam um espaço onde as pessoas transexuais podem expressar suas emoções, angústias e alegrias, e serem compreendidas por indivíduos que vivenciam experiências semelhantes. Isso é fundamental para o fortalecimento emocional e para o enfrentamento dos desafios que vivenciam diariamente.

Esther Santana (2021), registra em sua dissertação de mestrado o projeto “*Envivecer: Políticas de vida e afetividade de pessoas trans negras*”, como um espaço virtual de quilombamento. Indianara no documentário com o mesmo nome (2019) chama a “*Casa Nem*” como resistência e quilombo urbano para pessoas LGBTQTs e principalmente travestis e transsexuais. Aquilomba-se em cursinhos populares como transformação. Aquilomba-se no quilombo criado por Érica Maluquinho, a “*Aparelha Luzia*” em São Paulo. Aquilomba-se em redes sem nomes. Em redes construídas entre semelhantes em redes dororais⁵ de identidades coletivas.

Ainda, é a partir dos encontros, como seres sociais que transformam, são transformados e transformam a natureza e o entorno a partir do conceito de trabalho de Marx. Assim, ao *aquilombar-se* são produzidas novas formas de ser e de se relacionar. Na linguagem e na

⁵ Termo cunhado por Vilma Piedade e utilizado pelas mulheres negras, dororidade trata união a partir da dor comum vivida por elas.

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

comunicação, alteram-na seja a partir da modificação linguística proposta com a linguagem neutra, seja a partir do dialeto *pajubá*. Cria-se formas de resistência a partir da apropriação de expressões culturais como o teatro, ultrapassando a dimensão de entretenimento mas sendo ele um dos únicos espaços para a construção política dessa população, com referências e saberes dessa comunidade. Aquilomba-se também em saraus e Slams como o “*Slam Marginália*”.

Elias Veras (2017, *apud* Nascimento, 2021) traz em suas pesquisas a importância do uso de silicone e de hormônios para modelar o corpo. Tendo em vista que o silicone médico era muito caro mas o industrial mais acessível, havia uma rede de “bombadeiras”⁶ A travesti Thina, relembra que na década de 1980 ia-se pesquisando e indicando quem bombava, quem não bombava, sendo a maioria das bombadeiras de São Paulo/SP. Elas eram verdadeiras fadas madrinhas que ajustavam a corporalidade das travestis aos seus desejos. Já Paul Preciado registra seu processo de hormonização e posteriormente o publica em um livro. Diversos saberes fármacos são até hoje produzidos a partir de diários partilhados de pessoas trans que se auto hormonizam, tendo em vista que há um abismo entre corpos transgêneros e cisgêneros no processo de intervenções corporais, havendo diversos entraves jurídicos biomédicos e morais do CIS-tema para a garantia e acesso facilitado a essas intervenções.

É importante destacar que o aquilombamento e as redes de apoio não apenas beneficiam as pessoas trans, mas também têm um impacto positivo na sociedade como um todo. Ao criar espaços de acolhimento e apoio, essas estratégias ajudam a combater a discriminação, o preconceito e a exclusão, promovendo a diversidade, a igualdade e a inclusão.

No entanto, é fundamental reconhecer que nem todas as pessoas transexuais têm acesso a essas redes de apoio e que o trabalho ainda precisa ser feito para ampliar o alcance dessas estratégias. É necessário investir na criação de mais espaços seguros, fortalecer as organizações e movimentos LGBT, bem como cobrar políticas sociais e promover espaços de reflexão que potencializam o processo de conscientização e a educação sobre questões de gênero e identidade, a fim de construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa para todas as pessoas transexuais.

Dentre as formas de aquilombamento, com o fortalecimento da *internet* e das redes sociais, Jaqueline Gomes de Jesus (2013, *apud* Nascimento, 2021) evidencia esse espaço como primordial para relatos de experiência, debates, elaborações transfeministas e difusão de informações a partir de comunidades no Facebook e blogs. Para além de produção teórica é um

⁶ Pessoas que clandestinamente injetaram silicone industrial na década de 1980.

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

espaço também de apoio, acolhimento, pertencimento e aprendizado, sendo um espaço sororal e dororal e que salvam vidas.

4. RESISTÊNCIA TRANS E A PERSPECTIVA DO FEMINISMO

A resistência trans e o feminismo têm uma relação complexa e multifacetada. Embora ambos os movimentos compartilhem o objetivo de promover a igualdade e combater a opressão de gênero, existem tensões e desafios em sua intersecção como já exposto na introdução.

O feminismo tem uma longa história de luta pelos direitos das mulheres, questionando e desafiando as normas de gênero e o patriarcado. No entanto, historicamente, algumas correntes do feminismo excluíram ou marginalizaram as experiências das mulheres trans, negando sua identidade de gênero e reforçando a binariedade de gênero. Essas visões transfóbicas e excludentes têm sido criticadas por ativistas trans e aliados no movimento feminista, que defendem uma perspectiva mais inclusiva e interseccional.

Nos últimos anos, houve um crescente movimento de diálogo e colaboração entre o feminismo e a resistência trans. Muitas feministas têm se esforçado para incluir e reconhecer as vozes e as experiências das pessoas trans, adotando uma abordagem interseccional que considera as interconexões entre gênero, raça, classe, orientação sexual e outras formas de opressão. Por sua vez, muitas pessoas trans têm se engajado e disputado espaço no movimento feminista, trazendo suas perspectivas e experiências para ampliar o debate sobre a igualdade de gênero e trazer novas provocações.

No entanto, é importante reconhecer que existem tensões e conflitos dentro dessa intersecção. Algumas feministas radicais podem continuar a excluir ou negar a identidade das pessoas trans, argumentando que a experiência de ter nascido como mulher biológica é essencial para a compreensão do feminismo. Essas visões continuam sendo objeto de debate e crítica dentro do movimento feminista.

Megg Hayara no artigo “Por que você não me abraça? faz uma importante provocação ao Movimento Social de Negras e Negros fazendo essa pergunta a eles, apontando como historicamente o racismo e a transfobia caminharam junto na opressão de corpos que eram duplamente punidos e como as pessoas dissidentes sexuais e de gênero foram deixaram para trás na luta do Movimento Social de Negras e Negros que tinham na liderança das organizações principalmente homens cis heterossexuais à frente das principais organizações que lutavam por

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

direitos. Assim afirma que *“travestis e mulheres transexuais negras são habitantes de dois mundos e ao mesmo tempo não pertencem a nenhum deles”* (HAYARA, 2018, p.173). Exemplifica tal afirmação apontando o silenciamento do Movimento Social de Negros e Negras em relação a violência policial sofrida por Verônica Bolina em 2015, e termina o artigo propondo um diálogo interseccional entre o movimento negro e travestis e mulheres transexuais. (HAYARA, 2018)

É fundamental para o movimento feminista e para a resistência trans a busca por uma compreensão mútua, de respeito as diferenças e de trabalho conjunto na luta contra a opressão de gênero. Isso envolve ouvir e valorizar as vozes das pessoas trans, contidas em corpos parlamentares, que recebem, refletem e emitem opiniões e de reconhecimento de suas experiências e da luta contínua por uma sociedade inclusiva, onde todas as identidades de gênero sejam respeitadas e tenham seus direitos garantidos.

A interseccionalidade desempenha um papel essencial nesse processo, destacando as diferentes formas de opressão e como elas se cruzam. Reconhecer a interseccionalidade significa entender que as experiências de opressão não são uniformes e que a luta pela igualdade de gênero precisa considerar as interconexões com raça, classe, orientação sexual, deficiência e outras identidades sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo explorou as formas de resistência e aquilombamento da população transexual no Brasil, a partir das categorias “sofrimento ético político” e “saúde ético-política”, destacando sua importância na promoção dos direitos e da inclusão. Concluímos que a resistência e o aquilombamento desempenham um papel fundamental na luta contra a opressão, o preconceito e a discriminação enfrentados pela população transexual. Essas estratégias fortalecem a voz, a visibilidade e a luta dessa população, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária e livre de preconceitos.

No entanto, reconhecemos que ainda há muito trabalho a ser feito. Sugere-se que futuras pesquisas aprofundem a compreensão das experiências específicas da população transexual no Brasil, explorando as intersecções com raça, classe, deficiência e outras identidades sociais. Além disso, é fundamental promover uma maior conscientização via processo educacional sobre questões de gênero e identidade, tanto nas escolas quanto na sociedade em geral.

Em termos de ações, é importante fortalecer e expandir as organizações e movimentos LGBT, proporcionando recursos e apoio para que estes possam continuar a promover a

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

resistência e o aquilombamento. É crucial também promover mudanças políticas e legislativas para garantir a proteção dos direitos das pessoas transexuais, bem como a implementação de políticas públicas que promovam a inclusão e o combate à discriminação.

Além disso, é essencial que as pessoas cisgênero se aliem à luta da população transexual, ouvindo suas vozes, aprendendo com suas experiências e atuando como aliados. Somente através do trabalho conjunto e do reconhecimento da interseccionalidade poderemos alcançar uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero.

Em suma, as formas de resistência e aquilombamento são fundamentais para a promoção dos direitos e da inclusão da população transexual no Brasil. Essas estratégias têm o poder de transformar a sociedade, promovendo a diversidade, a igualdade e a dignidade para todas as pessoas transexuais. É fundamental continuar fortalecendo essas estratégias por meio de pesquisas, ações e parcerias que contribuam para a construção de um futuro mais inclusivo e respeitoso para todos.

As formas de resistência, como o ativismo político, a organização de movimentos sociais, a criação de coletivos e redes de apoio, a expressão artística e o uso das mídias sociais, têm sido fundamentais para a conquista de direitos e a promoção da inclusão da população transexual no Brasil. Essas estratégias permitem que as pessoas transexuais se empoderem, se unam e lutem contra a opressão e o preconceito, buscando uma sociedade mais igualitária.

A organização de movimentos sociais, coletivos e redes de apoio desempenha um papel vital na construção de comunidades seguras, de suporte e de empoderamento. Esses espaços oferecem um ambiente onde as pessoas transexuais podem compartilhar suas experiências, encontrar apoio emocional, obter informações relevantes e desenvolver estratégias de enfrentamento coletivo. Tais também promovem a conscientização e a educação sobre questões de gênero e identidade, contribuindo para a mudança de atitudes na sociedade em geral.

As mídias sociais têm desempenhado um papel cada vez mais relevante na resistência transexual, permitindo que as pessoas compartilhem suas experiências, se conectem a comunidades virtuais, promovam campanhas de conscientização e alcancem um público mais amplo. As mídias sociais proporcionam um espaço onde as vozes da população transexual podem ser ouvidas, onde recursos e informações são compartilhados e onde a solidariedade é fortalecida.

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

Para enaltecer ainda mais essas estratégias de enfrentamento, é necessário investir em pesquisas que ampliem a compreensão das experiências específicas da população transexual no Brasil, considerando também as intersecções com outras formas de opressão, como raça, classe e deficiência. Essas pesquisas podem fornecer subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas, bem como para a promoção de uma educação inclusiva e sensível às questões de gênero.

No âmbito individual, é importante que as pessoas cisgênero sejam aliadas ativas na luta pela igualdade e pelos direitos da população transexual. Isso envolve ouvir e aprender com as experiências das pessoas transexuais, reconhecer os privilégios cisgêneros e trabalhar para desafiar e desconstruir preconceitos.

Em suma, as formas de resistência e aquilombamento têm um impacto significativo na promoção dos direitos e da inclusão da população transexual no Brasil. Fortalecer essas estratégias por meio de pesquisas, políticas públicas, financiamento adequado e apoio da sociedade é fundamental para construir uma sociedade mais justa, igualitária e livre de preconceitos, onde todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, possam viver e conviver com dignidade e respeito.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa(org.). **Marxismo e questão étnico-racial: desafios contemporâneos**, São Paulo : EDUC, 2021.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo, Boitempo, 2009.

ARANHA, Thiago Aparecido A. Santos. **Violência Estrutural: Uma Análise das Violências contra Travestis e Transexuais na Cidade de São Paulo**. 2023. São Paulo:2023.

CISNE, M. Relações sociais de sexo, “raça”/etnia e classe: uma análise feminista-materialista. In: **Temporalis**. Brasília (DF), ano 14, n. 28, pp. 133-149, jul./dez. 2014a

_____. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo, Cortez, 2014b.

_____. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. In: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 132, pp. 211-230, maio/ago, 2018.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2012

FORMAS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO BRASIL

SOARES, L. In. **Marxismo e questão étnico-racial** : desafios contemporâneos / Maria Beatriz Costa Abramides (org.) - São Paulo : EDUC, 2021.

HANASHIRO, M. ROSA R. Gênero Como Tecnologia: uma proposta contra-hegemônica in **Anais do XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. ABEPPS 2022. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/enpess-anais/public/arquivos/00201.pdf>

Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH-UFGM) Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA-UFGM). **Projeto transexualidades e saúde pública no Brasil**: Entre A invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. UFGM 2015. Disponível em: <https://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O protesto na festa**: Política e carnavalização nas paradas do orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). Tese de Doutorado. Universidade de Brasília: Brasília. 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8042/1/2010_JaquelineGomesdeJesus.pdf

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes**: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988) Tese de doutorado. USP: São Paulo. 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/pt-br.php>

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2022**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) BRASIL 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>

INDIANARA. Direção: Aude Chevalier-Beaumel, Marcelo Barbosa. Produção: Santaluz. Brasil 2019. Youtube.

Do Sonho ao Pertencimento - Documentário Casa Neon Cunha. Direção: Paulo Araújo. Produção: Equipe Perua Estúdio. São Bernardo do Campo 2023. Youtube.

SAWAIA, B. (org.). **As Artimanhas da Exclusão**: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social. Petrópolis: Editora Vozes, 2001 2ª Edição.

SANTANA, Ester Xavier. **Envivecer**: Políticas de vida e afetividade de pessoas trans negras. Mestrado em Psicologia Social. PUC: São Paulo 2021. 119p.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SOUZA, Ana Silvia Ariza de. SAWAIA, Bader. A Saúde como Potência de Ação: uma análise do coletivo e de Comuna do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) **Psicologia Política**. VOL. 16. Nº 37. PP. 305-320. SET. – DEZ. 2016.

HAYARA, Megg R. G. de O. **POR QUE VOCÊ NÃO ME ABRAÇA?** Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. **SUR** 28 - v.15 n.28. 2018. p. 167 - 179